

“Talía Hibbert vai fazer você se apaixonar por seus personagens maravilhosamente imperfeitos, que são tão reais que você vai querer abraçá-los.”

MEG CABOT, autora best-seller de *O diário da princesa*

# ACORDA PRA VIDA, CHLOE BROWN



TALIA HIBBERT

TALIA HIBBERT

ACORDA PRA  
**VIDA,**  
CHLOE  
BROWN

Tradução  
LÍGIA AZEVEDO

BRUNN

## Prólogo

Era uma vez uma mulher chamada Chloe Brown, e ela morreu.  
Ou quase.

Aconteceu numa terça-feira à tarde, claro. Coisas perturbadoras pareciam sempre acontecer às terças-feiras. Chloe suspeitava que aquele dia da semana era amaldiçoado, mas até então só havia manifestado suas suspeitas em alguns fóruns de internet — e com Dani, a mais esquisita de suas irmãs mais novas e muito esquisitas. Dani havia dito a Chloe que ela estava maluca e que devia tentar pensar positivo para se livrar de toda aquela energia negativa em relação a um dia da semana.

De modo que, quando Chloe ouviu gritos e pneus cantando, olhou para a direita e deparou com um Range Rover branco e brilhante vindo direto na sua direção; a primeira coisa que lhe veio à cabeça, ainda que ridícula, foi: *Vou morrer numa terça-feira e Dani vai ter que admitir que eu estava certa o tempo todo.*

Mas, no fim, Chloe não morreu. Nem ficou terrivelmente machucada — o que foi um alívio, porque ela já passava tempo bastante em hospitais. O Range Rover passou voando por ela e bateu na lateral de um café. A batida de frente da motorista embriagada contra uma parede de tijolos não foi uma batida de frente contra uma Chloe de carne e osso por menos de um metro. O

metal amassou como papel. A senhora de meia-idade que estava ao volante foi de encontro ao airbag, que fez seu cabelo loiro, ondulado e na altura do queixo balançar. Curiosos se aglomeraram e houve gritos pedindo que chamassem uma ambulância.

Chloe só ficou olhando e olhando e olhando.

As pessoas passavam, o relógio avançava, e ela mal notava. Sua mente era inundada por dados irrelevantes, como se sua cabeça fosse a lixeira do computador. Chloe se perguntava quanto ia sair o conserto do café. Ela se perguntava se o seguro ia cobrir tudo, ou se a própria motorista teria que pagar. Ela se perguntava quem tinha cortado o cabelo da motorista, porque estava ótimo. Mantinha o estilo e a elegância mesmo enquanto era retirada do carro e posta em uma maca.

Até que um homem tocou o ombro de Chloe e perguntou: “Você está bem, jovem?”.

Ela se virou e viu um socorrista com um rosto simpático e cheio de rugas, usando um turbante preto. “Acho que estou em estado de choque”, Chloe disse. “Posso comer um chocolate? Da Green & Black’s. O com flor de sal é meu preferido, mas o que tem oitenta e cinco por cento de chocolate amargo deve ser melhor para a saúde.”

O socorrista riu, pôs um cobertor nos ombros dela e disse: “Serve um chá, sua majestade?”.

“Sim, por favor.” Chloe o seguiu na direção da traseira da ambulância. No caminho, ela se deu conta de que tremia tanto que ficava difícil andar. Com a habilidade desenvolvida por anos vivendo em um corpo altamente temperamental, ela cerrou os dentes e se forçou a avançar um pé depois do outro.

Quando finalmente chegaram à ambulância, Chloe se sentou com todo o cuidado, para não desmaiar. Se isso acontecesse, o socorrista começaria a fazer perguntas. Depois talvez decidisse dar uma olhada nela. Então Chloe teria que lhe contar todas as suas pequenas peculiaridades e explicar que não eram motivo de preocupação, e ambos perderiam o dia todo naquilo. Adotando um tom de voz firme que dizia “sou uma pessoa muito saudável e estou totalmente no controle”, Chloe perguntou, bruscamente: “Ela vai ficar bem?”.

“A motorista? Vai, sim. Não se preocupe com isso.”

Músculos que ela nem sabia que estavam tensos de repente relaxaram.

No fim, depois de duas xícaras de chá e algumas perguntas da polícia, Chloe pôde concluir sua caminhada da terça-feira à tarde. Ela não teve nenhuma outra experiência de proximidade com a morte, o que foi excelente, caso contrário provavelmente teria feito algo constrangedor, como chorar.

Chloe entrou em casa pela ala norte e seguiu com discrição até a cozinha, atrás de um lanchinho fortificante. O que encontrou, no entanto, foi sua avó Gigi, claramente esperando por ela. Gigi se virou, e seu robe violeta que ia até o chão a seguiu — aquele que Chloe havia lhe dado alguns meses antes, em seu quarto (ou seria quinto?) aniversário de setenta anos.

“Querida”, ela disse, com um arquejo, os tamancos de salto fino e baixo ressoando contra o piso. “Você parece tão... enfermiça.” Vindo de Gigi, que era ao mesmo tempo uma avó preocupada e uma lenda do ragtime dolorosamente bonita, era um comentário

pesado. “*Onde* você estava? Faz séculos que saiu, e não atende o celular. Fiquei tão preocupada.”

“Ah, nossa, desculpa.” Fazia horas que Chloe havia saído para uma de suas caminhadas irregularmente programadas — *programadas* porque sua fisioterapeuta insistia que as fizesse, e *irregulares* porque seu corpo cronicamente doente com frequência vetava as coisas. Em geral, ela voltava em meia hora, então não era surpresa que Gigi tivesse entrado em pânico. “Você não ligou pros meus pais, né?”

“É claro que não. Imaginei que, se você tivesse passado por uma oscilação, ia logo se recuperar e pedir a alguém que chamasse um táxi para voltar para casa.”

Uma *oscilação* era o termo delicado que Gigi usava para quando o corpo de Chloe simplesmente desistia de viver. “Não tive uma oscilação. Estou me sentindo muito bem, na verdade.” *Neste momento, pelo menos.* “Mas houve um... acidente de carro.”

Gigi ficou tensa, mas se sentou à ilha de mármore da cozinha com toda a graciosidade. “Você se machucou?”

“Não. Uma mulher bateu o carro na minha frente. Foi bem intenso. Fiquei tomando chá em um copinho de isopor.”

Gigi voltou para Chloe seus olhos felinos pelos quais os reles mortais costumavam se apaixonar. “Quer um alprazolam, querida?”

“Ah, melhor não. Não sei como reagiria com a minha medicação.”

“Claro, claro. Ah! Já sei. Vou ligar para o Jeremy e dizer que é uma emergência.” Jeremy era o terapeuta de Gigi. Ela não *precisava* de terapia no sentido estrito da palavra, mas gostava de Jeremy e acreditava em prevenção.

Chloe piscou. “Acho que não tem necessidade.”

“Discordo”, Gigi disse. “Terapia é sempre necessário.” Ela pegou o telefone, fez a ligação e flanou até o outro lado da cozinha. Seus tamancos batiam contra o piso de novo quando ela ronronou: “Jeremy, querido! Como você está? E Cassandra?”.

Eram barulhos perfeitamente comuns. No entanto, sem aviso, foram o gatilho de algo catastrófico na mente de Chloe.

O *clic-clic-clic* dos sapatos se juntou ao *tic-tic-tic* do enorme relógio na parede da cozinha. O som ficou impossivelmente alto, estranhamente caótico, até parecer que um monte de pedras havia desmoronado na cabeça de Chloe. Ela fechou os olhos com força — mas o que eles tinham a ver com sua audição? Na escuridão que havia criado, uma lembrança surgiu: aquele cabelo curto, loiro e ondulado balançando. O modo como ainda parecia macio e brilhante contra o couro preto da maca.

*Embriagada*, o socorrista simpático havia dito, baixo. Era o que suspeitavam. A mulher havia se embebedado no meio da tarde, subido na calçada e batido contra uma parede. E Chloe...

Chloe estivera bem ali. Porque andava sempre no mesmo horário, para não interromper sua rotina de trabalho. Porque sempre fazia o mesmo trajeto, para ser mais eficiente. Chloe estivera *bem ali*.

Ela estava quente demais, suando. Tonta. Precisava se sentar agora, ou cairia e sua cabeça ia se quebrar como um ovo ao atingir o piso de mármore. Do nada, Chloe se lembrou de sua mãe dizendo: *Deveríamos trocar o piso. Os desmaios estão fora de controle. Ela vai se machucar.*

Mas Chloe insistira que não havia necessidade. Ela prometera ser cuidadosa, e certamente mantinha a promessa. Devagar, devagar,

Chloe escorregou para o chão. Apoiou as mãos úmidas no piso gelado. Inspirou. Expirou. Inspirou.

Expirou, e seu sussurro saiu como vidro quebrando: “Se eu morresse hoje, o que meu obituário diria?”.

*Essa mulher incrivelmente entediante não tinha nenhum amigo, não viajava havia uma década apesar das inúmeras oportunidades, gostava de escrever códigos de programação aos fins de semana e nunca fazia nada que não estivesse previsto na agenda. Não chore por ela, que está em um lugar melhor agora. O céu não pode ser tão chato assim.*

Era o que obituário dela diria. Talvez alguém especialmente cortante e desagradável, como Piers Morgan, o lesse no rádio.

“Chloe?”, Gigi a chamou. “Onde você...? Ah, aí está você. Tudo bem?”

Deitada no chão, tragando ar como um peixe à beira da morte, Chloe disse, animada: “Tudo, obrigada”.

“Hum”, Gigi murmurou, parecendo em dúvida, mas não preocupada demais. “Acho que vou pedir para Jeremy ligar depois. Jeremy, querido, será que pode...?” Sua voz foi diminuindo conforme ela se afastava.

Chloe descansou a bochecha quente contra o piso frio e tentou não acrescentar mais insultos a seu obituário imaginário. Se estivesse em um musical brega — do tipo que sua irmã mais nova, Eve, adorava —, aquele seria o momento em que ela chegava ao fundo do poço. Chloe estaria a poucas cenas, a uma música inspiradora sobre determinação e acreditar em si mesmo, de uma epifania. Talvez ela devesse seguir o exemplo daqueles musicais.



“Com licença, universo”, ela sussurrou para o piso da cozinha. “Quando você quase me matou hoje, o que foi meio pesado, aliás, mas até respeito isso, estava tentando me dizer alguma coisa?”

O universo, de maneira muito enigmática, não respondeu.

Infelizmente, outra pessoa falou.

“*Chloe!*” A mãe dela quase gritara à porta. “O que está fazendo no chão?! Está doente? Garnet, sai do telefone e corre pra cá! Sua neta está mal!”

Ai, ai. Vendo que seu momento de comunhão com o universo tinha sido interrompido de forma rude, Chloe se ergueu para sentar. Estranhamente, já se sentia muito melhor. Talvez porque tivesse reconhecido e aceitado a mensagem do universo.

Estava claro que era hora de acordar pra vida.

“Não, não, minha querida, não se mova.” O rosto com uma ótima estrutura óssea de Joy Matalon-Brown estava marcado pelo pânico quando ela deu a ordem, nervosa e pálida, apesar da pele bronzeada. Era uma visão familiar. A mãe de Chloe administrava um escritório de advocacia de sucesso com a irmã gêmea Mary, levava a vida com quase tanta lógica e cuidado quanto Chloe e passara anos aprendendo os sintomas e mecanismos de enfrentamento da filha. Ainda assim, ia para o modo pânico total ao menor sinal de enfermidade ou desconforto. Sinceramente, era exaustivo.

“Não fique em cima de Chloe, Joy. Você sabe que ela não aguenta.”

“Então devo ignorar o fato de que ela está deitada no chão, como um cadáver?”

*Ai.*

Enquanto a mãe e a avó trocavam farpas acima de sua cabeça, Chloe decidiu que a primeira mudança que faria em sua vida, por ordem do universo, seria de casa.

A gigantesca propriedade de sua família de repente lhe parecia um tanto apertada.

*Dois meses depois*

“Ah, você é um encanto, Red.”

Redford Morgan tentou abrir um sorriso simpático, o que não era muito fácil, considerando que estava com o braço mergulhado até o cotovelo na privada de uma octogenária. “Só estou fazendo meu trabalho, sra. Conrad.”

“Você é o melhor zelador que já tivemos”, ela arrulhou da porta do banheiro, levando uma mão enrugada ao peito ossudo. Sua cabeleira branca tremia de emoção. Era um pouco dramática, a coitada.

“Obrigado”, ele disse, tranquilo. “A senhora é muito bondosa.” *Se parasse de jogar lixo na privada seríamos melhores amigos.* Era a terceira vez naquele mês que ele era chamado no apartamento 3E por causa de entupimento, e, sinceramente, Red estava ficando cansado das merdas da sra. Conrad. Ou melhor, dos netos dela.

A luva vermelha que envolvia a mão dele finalmente emergiu das profundezas da privada, agarrando uma bolota de papel-toalha ensopado. Ele desembrulhou o pacote e descobriu... “É a sua caçarola de legumes?”

A sra. Conrad piscou para ele, parecendo uma coruja, então apertou os olhos. “Bom, não consigo dizer. Onde estão meus óculos?” A mulher se virou como se fosse caçá-los.

“Não precisa.” Red suspirou. Sabia muito bem que era caçarola de legumes, como da vez anterior, e da vez anterior àquela. Enquanto jogava aquilo no lixo, ele disse, simpático: “A senhora precisa ter uma conversinha com aqueles meninos. Eles estão jogando o jantar na privada”.

“Como?”, a mulher arquejou, claramente afrontada. “Nãããão. Não, não, não. Felix e Joseph? Eles nunca fariam isso! Não são de desperdiçar, e adoram minha comida.”

“Aposto que sim”, Red disse, devagar. “Mas... bom, toda vez que venho aqui, descubro um pedaço de brócolis ou cogumelos entupindo seus canos.”

Houve um momento de silêncio, enquanto a sra. Conrad lutava contra aquela informação. “Ah”, ela sussurrou. Red jamais ouvira tanto abatimento em uma única palavra. Ela piscou depressa e seus lábios finos se contraíram. Ele sentiu um aperto no coração ao se dar conta de que a sra. Conrad estava tentando não chorar. Caralho. Red não sabia lidar com mulheres chorando. Se ela derramasse uma lágrima que fosse, ele passaria a noite inteira ali, comendo caçarola de legumes com todo o entusiasmo e se desfazendo em elogios.

*Por favor, não chora. Meu expediente acaba em dez minutos e odeio brócolis pra caralho. Por favor, não chora. Por favor...*

A sra. Conrad lhe deu as costas e um primeiro soluço de choro sacudiu seus ombros.

Red suspirou.

“Sra. C, não fique chateada.” Ele tirou as luvas e foi até a pia lavar as mãos, desconfortável. “São só crianças. Todo mundo sabe que elas têm o paladar de uma cabra.”

A sra. Conrad deixou uma risadinha efervescente escapar e voltou a virar para ele, já secando os olhos com um lenço de pano. Idosos sempre carregavam lenços de pano. Escondiam-nos no corpo como ninjas escondiam *shurikens*. “Você tem razão, claro. É só que... Bom, eu achava que era o prato preferido deles.” Ela fungou e balançou a cabeça. “Mas não importa.”

A julgar pela voz trêmula dela, importava muito.

“Aposto que estava uma delícia”, Red disse, porque tinha a porra da maior boca do planeta Terra.

“Jura?”

“Sei que estava. A senhora tem cara de quem cozinha bem.” Ele não fazia a menor ideia do que aquilo queria dizer, mas soava bem.

A sra. Conrad com certeza gostara, porque suas bochechas coraram e ela soltou um tilintar alto que talvez fosse outra risadinha. “Ah, Red... Estou fazendo outra agora mesmo, sabia?”

É claro que estava. “É mesmo?”

“É! Quer experimentar? O mínimo que posso fazer depois de todo o trabalho que teve é convidar você para jantar.”

*Diz que não. Diz que é sexta-feira à noite e você tem planos. Diz que comeu cinco bifês no almoço.* “Ótimo”, ele disse, e sorriu. “Só vou dar uma passada em casa para me limpar.”

Red levou meia hora para tomar um banho e se trocar em seu apartamento. Ficava no térreo, e vinha com o emprego. Como ele levava uma vida ousada, trocou o macacão cinza-escuro por — *rufem os tambores* — um macacão azul-marinho que tinha acabado

de ser lavado. A verdade era que Red não tinha ideia do que deveria usar para jantar com uma senhorinha, mas sua jaqueta de couro e suas botas pretas costumeiras não pareciam apropriadas.

Foi só quando ele trancou a porta da frente que lhe ocorreu que aquela situação podia não ser apropriada. Podia jantar com moradores? Estava dentro das regras? Red não via problema nenhum naquilo, mas trabalhava como zelador fazia pouco tempo e não era exatamente qualificado. Só para garantir, ele pegou o celular e mandou uma mensagem para Vik, o proprietário — e o amigo que lhe havia conseguido aquele trabalho.

Posso jantar com a velhinha simpática do 3E?

A resposta de Vik veio na hora, como sempre.

O que te deixa feliz, cara. Não vou julgar.

Red soltou uma risada, revirando os olhos ao guardar o celular. Então, do nada, ouviu alguma coisa.

Ou melhor, ouviu a voz *dela*.

Chloe Brown.

“... vejo vocês no brunch, se der”, ela dizia. Sua voz soava cortante e dispendiosa, como se alguém tivesse ensinado um diamante a falar. O som mexia com a cabeça dele, a fala clara o lembrando de pessoas e lugares que preferiria esquecer. De uma época diferente e de uma mulher diferente, que segurava uma colher de prata com uma mão de unhas esmaltadas e apertava o coração dele com a outra.

O timbre rouco de Chloe e as lembranças que despertava foram os únicos avisos que ele recebeu antes de entrar no corredor e dar

de cara com ela. Ou melhor, de garganta. Ela estava bem ali, os dois trombaram e de alguma forma a cabeça dela dera com tudo na garganta dele.

O que doeu. Bastante.

O impacto também fez algo terrível com seu fluxo de ar. Red tentou inspirar, engasgou e esticou o braço na direção dela ao mesmo tempo. A última parte foi um reflexo: ele tinha trombado com alguém, então era seu dever tentar manter a pessoa de pé. Só que não se tratava de uma pessoa qualquer, claro. Era Chloe, cuja cintura parecia macia ao seu toque. Chloe, que cheirava a jardim depois de uma chuva de verão. Chloe, que o empurrava como se ele tivesse uma doença contagiosa e estralava: “Ah, meu... Mas o quê...? Sai!”.

Ela parecia toda delicada, mas seu tom de voz era cortante como uma faca. Red tentou soltá-la antes que tivesse um troço, mas suas mãos calejadas engancharam na lã em tom pastel do casaquinho dela. Chloe recuou como se Red pudesse atacá-la a qualquer momento, e ficou olhando para ele com uma desconfiança cruel. Ela sempre o olhava daquele jeito — como se Red estivesse a trinta segundos de matá-la. Chloe o tratava como um animal selvagem desde que os dois se conheceram, quando ele lhe mostrara o apartamento que jamais imaginara que ela alugaria.

Chloe se mudara uma semana depois, e desde então perturbava a paz dele com seu comportamento de rainha do gelo.

“Eu... eu não tenho ideia de como isso aconteceu”, ela disse, como se Red tivesse orquestrado aquilo tudo só para ter a chance de tocá-la.

Cerrando os dentes, ele tentou assegurar-lhe que não se tratava de um assalto ou uma tentativa de sequestro fracassada — que, apesar de suas tatuagens, seu modo de falar e todas as outras coisas que faziam mulheres de classe alta como ela julgar caras como ele, não era um criminoso perigoso. Mas tudo o que saiu de sua boca foi um chiado inútil, de modo que ele desistiu e procurou focar na respiração. A dor na garganta passou de um amarelo venenoso a uma leve pontada cor de limão-siciliano.

Red nem notou a presença das irmãs dela até que começassem a falar.

“Ah, Chloe”, disse a mais baixa, Eve. “Olha o que você fez! O coitado vai tossir o coração.”

A outra irmã — a que chamavam de Dani — revirou os olhos e disse: “Você não quer dizer *pulmão*?”

“Não. A gente não deveria fazer alguma coisa? Vai, Dani, faz alguma coisa.”

“O que posso fazer? Pareço uma enfermeira, por acaso?”

“Bom, não podemos deixar o cara morrer engasgado”, Eve disse, sensata. “Seria um desperdício de um belo...”

A voz de Chloe cortou a discussão como uma lâmina. “Quietas, as duas. Vocês não estavam indo embora?”

“Não podemos ir *agora*. Nosso zelador preferido está no meio de uma crise.”

Embora Chloe tivesse detestado Red no instante em que o conheceu, suas irmãs, Dani e Eve, pareciam amá-lo. Elas tinham o mesmo tom de voz capaz de cortar vidro, mas nada do aparente classismo de Chloe. Ele pensava em Dani como a irmã estilosa, com a cabeça raspada e suas roupas pretas e soltas. Seu sorriso



era tão bonito que deveria ser proibido, e ela o estampava no rosto sempre que o caminho dos dois se cruzava. Eve era a irmã divertida e a mais nova, com tranças em tons pastel e um ar de energia frenética crepitando ao seu redor, como raios. Ela gostava de dar em cima de Red. Também gostava de usar roupas de bolinhas e sapatos estampados que ofendiam a sensibilidade artística dele.

Se qualquer uma *delas* tivesse alugado o apartamento 1D cinco semanas antes, tudo teria ficado bem. Mas não — tinha que ser Chloe. Tinha que ser a irmã que fazia com que ele se sentisse um monstro assustador e grosseirão. Tinha que ser a princesinha tensa que havia decidido que ele era perigoso só por causa do lugar de onde vinha. Por que ela morava ali, em um prédio residencial claramente de classe média, era um mistério. Não havia dúvida de que sua família tinha grana. Depois de Pippa, ele identificava o brilho de uma mulher rica a quilômetros de distância.

Mas ele não queria pensar em Pippa. Nunca nada de bom vinha dali.

“Estou bem”, ele conseguiu dizer, piscando os olhos úmidos.

“Viu?”, Chloe disse, na mesma hora. “Ele está bem. Vamos embora.”

Cara, como ela o irritava. A mulher tinha interrompido a porra do fluxo de oxigênio dele e não mostrava o mínimo de cortesia. Era inacreditável. “Vejo que continua um doce de pessoa”, Red resmungou. “É esse comportamento que eles ensinam na escola de etiqueta?”

Red se arrependeu assim que as palavras saíram de sua boca. Ela era uma inquilina. Ele era o zelador, graças a Deus e ao seu melhor amigo. Precisava ser educado com ela, independente de

qualquer outra coisa. Mas, semanas antes, havia descoberto que sua natureza bondosa, seus filtros e seu bom senso desapareciam diante de Chloe Brown. Sinceramente, Red ficava chocado que ela ainda não tivesse reclamado dele.

Na verdade, aquilo era o que havia de mais estranho em Chloe. Ela podia ser mal-educada e manter o nariz empinado, mas nunca, nunca havia reclamado de Red. Ele não sabia muito bem o que aquilo significava.

Naquele momento, os olhos semicerrados de Chloe queimavam por trás dos óculos de um azul forte. Red desfrutou da visão, em um nível meramente estético, e se odiou por aquilo, só um pouquinho. No topo da lista de coisas irritantes em Chloe Brown estava seu rosto lindo. Ela tinha o tipo de beleza brilhante, decadente e rococó que fazia os dedos dele coçarem para pegar um lápis ou um pincel. Era ridículo: a pele negra brilhante, as sobrancelhas arqueadas que davam a tudo um toque de sarcasmo, uma boca na qual se podia mergulhar como se fosse uma cama de plumas. Chloe não tinha o direito de ter aquela aparência. De jeito nenhum.

Red sabia que precisaria misturar um milhão de tons de terra para pintá-la, além do toque de azul-ultramarino que seria necessário para os óculos. Ele soltaria aquele cabelo grosso e castanho, que vivia preso no alto da cabeça. Às vezes, Red olhava para o nada e ficava pensando em como emolduraria o rosto dela. Na maior parte do tempo, pensava que não deveria estar pensando em Chloe. Nunca. Nem um pouco.

Então Chloe lhe disse, cada palavra saindo tão deliberada como um tiro: “Sinto muitíssimo, Redford”. Ela parecia sentir tanto quanto uma vespa por picar alguém. Como sempre, seus lábios e sua

língua diziam uma coisa e seus olhos diziam “morra”. Em geral, Red era considerado um cara tranquilo, mas ele sabia que no momento seus olhos diziam a mesma coisa que os dela.

“Esquece”, ele mentiu. “A culpa foi minha.”

Chloe ergueu e baixou um único ombro, o que Red tinha aprendido que era o jeito dos ricos de dizer “que seja”. Então ela foi embora, sem dizer mais nada. As disputas verbais deles nunca iam muito além dos primeiros golpes passivo-agressivos.

Red a viu dar as costas, a saia rodada girando em torno de suas panturrilhas. Viu a irmãs a seguirem, e acenou com a mão quando notou que elas olhavam para trás, preocupadas. Ele ouviu o som dos passos ficando mais baixo e se recompôs, então seguiu até o apartamento da sra. Conrad e comeu a caçarola de legumes horrível que ela havia feito.

Não pensou em Chloe Brown de novo. Nem uma vez. Nem um pouco.

Algumas pessoas diriam que é ridículo fazer uma lista de coisas para mudar depois de um esbarrão com a morte — mas Chloe decidira que aquelas pessoas simplesmente não tinham imaginação nem comprometimento com planos suficientes para isso. Ela deu um suspiro de pura satisfação enquanto se acomodava na montanha de almofadas do sofá.

Era noite de sábado, e Chloe estava feliz por estar sozinha. Sua dor nas costas continuava tão excruciante naquele dia quanto no dia anterior e suas pernas estavam dormentes e doloridas, mas nem mesmo esses problemas arruinariam sua paz. Quando ela pôs na ponta do lápis sua intenção de acordar pra vida, a primeira anotação

que fez foi: encontrar a própria casa. Ela conquistara o objetivo e — deixando certos zeladores irritantes de lado — aquilo só lhe rendera bons frutos.

Através da leve fresta entre as cortinas de sua sala de estar, Chloe viu de relance os raios de sol do fim de tarde de setembro. O brilho quente e acalorado se erguia acima da sombra maciça da face oeste do condomínio residencial, o que deixava o pátio no centro do edifício com uma sombra tranquila, seus tons outonais exuberantes lembrando terra e sangue. O apartamento dela era igualmente calmante: fresco e silencioso, a não ser pelo zumbido do laptop e do toque constante dos dedos de Chloe no teclado.

Felicidade, independência, solidão real. Era melhor que oxigênio. Ela inspirou aquilo. Era, resumindo, o êxtase.

Foi naquele momento que seu celular ganhou vida, estilhaçando sua tranquilidade como se fosse vidro.

“Ah, pelo amor de Deus.” Chloe se deu exatamente três segundos de irritação antes de pegar o aparelho e olhar para a tela. *Eve*. Sua irmã mais nova. O que significava que ela não podia simplesmente deixar o celular no mudo e enfiá-lo numa gaveta.

Droga.

Ela atendeu a ligação. “Estou trabalhando.”

“Bem, isso é inaceitável”, Eve disse, animada. “Ainda bem que liguei.”

Chloe curtia uma irritação — o mau humor estava no topo de sua lista de passatempos preferidos —, assim como curtia tudo em sua irmã mais nova, que era uma tola. Lutando contra seus lábios se curvarem, ela perguntou: “O que é que você quer, Eve?”

“Ah, que bom que você perguntou.”

*Droga.* Chloe conhecia aquele tom, que não lhe trazia bons presságios. “Sabe, sempre que atendo suas ligações me arrependo em seguida.” Ela pôs o celular no viva-voz, deixou-o no braço do sofá e voltou a digitar no laptop equilibrado em suas pernas.

“Até parece. Você me adora. Sou catatonicamente encantadora.”

“Você não quer dizer ‘categoricamente’?”

“Não”, Eve disse. “Agora me ouve. Vou te passar uma série de instruções. Não pensa, não retruca, só obedece.”

Aquilo ia ser bom.

“Hoje é noite de karaokê no Hockley. Começa em uma hora. Não, Chloe, para de resmungar. Não pensa, não retruca, só obedece, lembra? Quero que você se levante, passe um batom...”

“Tarde demais”, Chloe a interrompeu, seca. “Estou de pijama. Já deu por hoje.”

“Às oito e meia da noite?” O entusiasmo de Eve foi substituído por uma preocupação hesitante. “Você não está mal, né?”

Chloe amoleceu diante daquela pergunta. “Não, meu bem.”

A maioria das pessoas tinha dificuldade de aceitar o fato de que Chloe tinha uma doença. Fibromialgia e dor crônica eram problemas invisíveis, portanto era fácil ignorá-las. Eve era uma jovem saudável, por isso nunca sentiria a profunda exaustão de Chloe, suas dores de cabeça agonizantes, as dores agudas nas juntas, as febres e a confusão mental, os inúmeros efeitos colaterais de inúmeras medicações. Mas Eve não precisava sentir tudo aquilo para ter compaixão pela irmã. Não precisava ver as lágrimas ou a dor de Chloe para acreditar que às vezes era difícil para ela. Tampouco Dani. As duas compreendiam.

“Tem certeza?”, Eve perguntou, com desconfiança na voz. “Porque você foi bem grosseira com o Red ontem, e em geral isso significa...”

“Estou bem”, Chloe a cortou, com as bochechas queimando. Redford Morgan, o Senhor Simpatia, zelador adorado, o homem que gostava de *todo mundo* menos dela. Mas as pessoas em geral costumavam mesmo não gostar. Chloe voltou a enfiar todos os pensamentos relacionados a ele dentro de uma jaula. “Eu juro”, ela disse à irmã. Não era mentira, não naquele dia. Mas Chloe teria mentido se necessário. Às vezes a preocupação da família só agravava o entorpecimento de sua mente.

“Que bom. Nesse caso, você pode ir comigo no karaokê. Vão ser só duetos, e minha suposta melhor amiga acabou de me dar o bolo. Preciso de uma irmã substituta com urgência.”

“Infelizmente, minha agenda está cheia.” Com alguns movimentos de dedo, Chloe minimizou uma janela, maximizou outra e passou os olhos pelo briefing do cliente, atrás da parte que falava sobre a sequência de depoimentos no site. Não conseguia lembrar se...

“*Agenda?*” Eve grunhiu. “Achei que você fosse abandonar essa coisa de programação. Achei que tivesse acordado pra vida!”

“Eu mudei”, Chloe disse, calma. “Mas ainda tenho um emprego.” *Rá!* Ela encontrara a informação de que precisava e a guardou na mente, torcendo para que não se transformasse em fumaça em menos de trinta segundos. Chloe não havia tomado muitos remédios naquele dia, de modo que podia mais ou menos confiar em sua memória de curto prazo.

*Mais ou menos.*

“É sábado à noite”, Eve insistiu. “Você é sua *própria* chefe. E trabalha de *casa*.”

“E é exatamente por isso que preciso ser disciplinada. Liga pra Dani.”

“Dani parece um bugio cantando.”

“Mas ela tem presença de palco”, Chloe argumentou, sensata.

“Presença de palco não esconde tudo. Ela não é a Madonna, pelo amor de Deus. Acho que você não está entendendo a gravidade da situação. Não é só noite de karaokê. É uma competição.”

“Ah, uau.”

“Adivinha qual é o prêmio.”

“Não sei”, Chloe murmurou.

“Anda. Adivinha!”

“Me fala. Estou tremendo de animação.”

“O prêmio...”, Eve começou a dizer, de maneira dramática, “são... ingressos para o show de Natal da Mariah Carey!”

“Ingressos para...?” Pelo amor de Deus. “Você não precisa *ganhar* esses ingressos, Eve. Gigi pode arranjar pra você.”

“Essa não é a questão. É pela diversão. Lembra o que é *diversão*? Aquilo de que você mantém distância?”

“Pode ser um choque para você, mas a maioria das pessoas não se anima muito com karaokê.”

“Tá bom”, Eve desistiu, parecendo desanimada. Mas, como sempre, recuperou o entusiasmo logo em seguida. “Falando em diversão... como anda aquela sua lista?”

Chloe suspirou e deixou a cabeça cair para trás, contra as almofadas. Irmãs mais novas eram uma coisa complicada. Não devia ter contado a nenhuma das duas sobre a lista que havia feito

depois de sua experiência de quase morte e de sua resolução posterior. Elas sempre tiravam sarro de seus planos.

Bom, azar o delas, porque planejamento era a chave do sucesso. Havia sido graças à lista, afinal de contas, que o obituário imaginário de Chloe tinha melhorado muito. Ela podia orgulhosamente dizer que, se morresse naquele dia, os jornais publicariam algo como:

*Com a idade avançada de trinta e um anos, Chloe se mudou da casa dos pais e alugou um apartamentinho qualquer, como uma pessoa comum. Escreveu uma lista impressionante detalhando seus planos de acordar pra vida, com sete itens. Embora não tenha conseguido completá-la antes de sua morte, a mera existência dessa lista prova que ela se encontrava em um lugar melhor, menos entediante. Nós a saudamos, Chloe Brown. Você claramente ouviu o universo.*

Era satisfatório, embora não ideal. Chloe ainda não havia transformado sua vida, mas estava no processo de fazê-lo. Era uma lagarta presa dentro de um casulo endossado pelo universo. Muito em breve, emergiria como uma linda borboleta que fazia coisas descontraídas e fabulosas o tempo todo, independente de tais coisas terem ou não sido previamente programadas. Tudo o que ela precisava fazer era seguir a lista.

Infelizmente, Eve não tinha a mesma paciência ou uma visão tão positiva da coisa. “E aí?”, ela insistiu quando Chloe não respondeu. “Riscou mais algum item?”

“Mudei de casa.”

“Pois é, eu notei”, Eve zombou. “Sou a última das irmãs Brown morando em casa agora, sabia?”



“Sério? Não fazia ideia. Achei que havia um monte de nós assombrando os corredores.”

“Ah, cala a boca.”

“Talvez você devesse se mudar também.”

“Ainda não. Preciso economizar”, Eve disse vagamente. Só Deus sabia para quê. Chloe tinha medo de perguntar, caso a resposta fosse algo como: *Um violino com diamantes encrustados, claro.* “Mas já faz semanas que você se mudou. Tem um monte de coisas na sua lista. O que mais você fez?”

*Quando em dúvida, fique quieto* era o lema de Chloe.

“Eu sabia”, Eve acabou dizendo. “Você está me deixando na mão.”

“Te deixando na mão?”

“É. Dani apostou cinquenta libras que você abandonaria a lista antes do fim do ano, mas eu...”

“Ela apostou o *quê?*”

“*Eu* te apoiei, como uma boa irmã.”

“Qual é o problema com vocês duas?”

“E é assim que você retribui? Com apatia? E, pra piorar, nem vai me ajudar a ganhar os ingressos para o show da Mariah Carey.”

“Quer parar de insistir nessa história de karaokê?”, Chloe soltou. Ela passou a mão pelo rosto, de repente exausta. “Meu bem, tenho que desligar. Estou mesmo trabalhando.”

“Tá.” Eve suspirou. “Mas eu voltarei, Chloe Sophia.”

“Para com isso.”

“Não vou descansar até que você não seja mais tão cha...”

Chloe desligou o telefone.

Um segundo depois, uma notificação surgiu na tela.

eve: 😊

Chloe balançou a cabeça, em uma irritação carinhosa, e voltou ao trabalho. A otimização dos mecanismos de busca de restaurantes locais, salões de beleza e outros pequenos negócios de seus clientes não ia se fazer sozinha. Ela mergulhou no ritmo mental que lhe era familiar da pesquisa e da atualização... ou pelo menos tentou mergulhar. Mas seu foco tinha sido abalado. Depois de cinco minutos, Chloe fez um intervalo para resmungar indignada com a sala de estar vazia: “Dani apostou cinquenta libras que eu abandonaria a lista? Ridículo”.

Depois de dez minutos, tamborilou os dedos no sofá e disse: “Ela simplesmente não entende a arte do estabelecimento de metas com base em listas”. O fato de que Dani estava fazendo doutorado não tinha a menor importância. Ela era rebelde demais para reconhecer a importância de um plano bom e sólido.

No entanto... Chloe pensou que já fazia mesmo algum tempo que ela não levava a lista em conta. Talvez estivesse na hora de dar uma olhada nela. Antes que percebesse, o laptop já tinha sido fechado e abandonado na sala, enquanto ela ia buscar o caderno azul cintilante escondido na gaveta da mesa de cabeceira.

Chloe tinha muitos cadernos, porque fazia muitas listas. Seu cérebro, em geral nublado pela dor ou pelos remédios (ou, em dias realmente animados, por ambos), era descuidado e preguiçoso, indigno de confiança, por isso ela recorria a lembretes bem organizados.

Listas de afazeres diários, listas de afazeres semanais, listas de afazeres mensais, listas de remédios, listas de compras, listas de inimigos a destruir (aquela era meio velha, e mais uma força moral

que qualquer outra coisa), listas de clientes, listas de aniversários e, suas favoritas, as listas de desejos. Se algo podia ser organizado, categorizado, programado e escrito em caligrafia clara em uma das seções divididas por cores de seus cadernos, provavelmente já o havia feito. Caso contrário, ela logo se encontraria no que sua mãe chamava de “uma confusão miserável”. Chloe não tinha tempo para confusões.

Mas a única lista que havia no caderno que Chloe agora segurava não era como todas as outras. Ela o abriu na primeira página e passou o dedo pelas rígidas letras de fôrma. Não havia desenhinhos fofos ou rabiscos coloridos nele, porque, quando Chloe escrevera naquela página em particular, não estava de brincadeira. E ainda se sentia da mesma forma.

Aquela era sua lista para acordar pra vida. Ela a levava muito a sério.

O que provocava a pergunta: por que os itens ainda não tinham sido riscados?

Seu dedo seguiu para a primeira tarefa. Aquela, pelo menos, Chloe havia realizado. **1. Mudar de casa.** Ela morava sozinha — e de maneira totalmente independente, em termos de orçamento, comida e o que fosse — tinha cinco semanas, e ainda não havia entrado em combustão espontânea. Seus pais estavam impressionados, suas irmãs estavam adorando, Gigi cantarolava “Eu avisei!” para todo mundo etc. Estava tudo ótimo.

Menos ótimas eram as cinco resoluções não cumpridas logo abaixo.

**2. Sair para encher a cara uma noite.**

**3. Andar de moto.**

**4. Acampar.**

**5. Ter uma ótima noite de sexo sem compromisso.**

**6. Viajar o mundo só com uma bagagem de mão.**

E então vinha o último item, aquele que ela havia riscado com uma rapidez alarmante.

**7. Fazer algo de errado.**

Ah, Chloe havia feito algo de errado, e como. Não que pudesse contar para as irmãs a respeito *daquilo*. A mera ideia fazia suas bochechas esquentarem. Enquanto levava o caderno para a sala, a culpa arrastou seu olhar, esperneando e gritando, na direção da janela. O portal proibido para seu *algo de errado*. A cortina ainda estava fechada, como ela a havia deixado desde sua última transgressão — mas uma frestinha de luz conseguia entrar.

Talvez Chloe devesse fechar mais as cortinas, acabar com aquela fresta, só para garantir. Sim. Com certeza. Ela se aproximou da janela ampla da sala e ergueu uma mão para fazer exatamente aquilo... então algum tipo de mau funcionamento ocorreu e, antes que percebesse, ela puxara a cortina para o lado, aumentando a fresta em vez de diminuí-la. Um tímido feixe de luz se estendeu na direção dela através do pátio, se fundindo com os últimos suspiros do sol se pondo. Chloe pensou: *Não. Não. Isso é terrivelmente invasivo e meio bizarro demais, você só vai piorar tudo...*

Mas seus olhos continuavam atentos, focados do outro lado do pátio estreito, nos contornos de uma figura a uma janela não muito distante.

Redford Morgan dava duro no trabalho.

*Me chame de Red*, ele havia lhe dito meses antes. Mas ela não o chamava de Red. *Não conseguia*. Aquele apelido, assim como tudo sobre ele, era demais para Chloe. Ela não se sentia bem com pessoas como ele: confiantes, bonitas, que sorriam com facilidade, de quem todo mundo gostava, que pareciam à vontade consigo mesmas. Era o tipo de gente que a lembrava de todas as coisas que ela não era, de todo mundo de quem gostara que a havia deixado para trás. Pessoas como Redford Morgan faziam com que Chloe se sentisse irritadiça, tola, fria e leviana. Seu estômago se retorcia e ela acabava sendo ríspida ou gaguejando.

Em geral, Chloe preferia ser ríspida.

O problema com Redford era que ele sempre parecia pegá-la em seu pior momento. Por exemplo, quando uma jovem mãe bonita havia encurralado Chloe no pátio e perguntado: “Isso é uma peruca?”.

Perplexa, Chloe havia apalpado seu coque simples e castanho de sempre, se perguntando se por acaso havia colocado uma das perucas loiro platinado de Dani aquela manhã. “Hum... não?”

A jovem mãe bonita não ficara convencida com a falta de firmeza da resposta e decidira resolver aquilo ela mesma. O que, no caso, envolvera agarrar o cabelo de Chloe como se ela fosse um animal de fazendinha para crianças.

E por acaso Redford havia testemunhado *aquela* parte? Claro que não. Nem havia ouvido o filho sujo de chocolate da mulher chamar Chloe de “mulher malvada e feia” por ter se defendido. Nãããão. Ele surgira em cena como um cavaleiro com sua armadura de tatuagens bem na hora em que Chloe chamara a mulher de “uma desgraça

para a humanidade” e a criança de “bola de ranho nojenta”. Embora ambas as coisas fossem claramente verdade.

Redford olhara feio para Chloe, como se ela fosse Cruela Cruel, e permitira que a jovem mãe bonitona chorasse em seu ombro.

Depois viera o infeliz incidente das correspondências. Era culpa de Chloe se uma velha maluca chamada *Charlotte* Brown morava bem acima dela, no 2D? Ou que aquela mesma velha maluca, por falta de óculos, tivesse aberto a caixa de correio de Chloe e a correspondência dentro dela? Não. Não, não era. Tampouco era culpa de Chloe que, inflamada pelo *crime literal* cometido contra sua pessoa, tivesse reagido no calor do momento despejando todo o chá de sua garrafa térmica pela fenda da caixa de correio da mulher. Como ela ia saber que Charlotte Brown estava para receber postais de feliz aniversário pelos setenta anos de seus netos que moravam nos Estados Unidos? Chloe não tinha como saber, claro. Ela não era vidente, pelo amor de Deus.

Chloe tentara explicar tudo aquilo a Redford, que parecera furioso e lhe dissera algo terrível — ele era bom naquilo, o canalha —, então ela desistira. Era muito mais fácil afetar um silêncio de superioridade, especialmente com ele. Redford a transformava em um completo desastre, de modo que Chloe evitava sua companhia durante o dia como se fosse a peste.

Mas, durante à noite, às vezes, ela ficava vendo Redford pintar.

Agora ele estava de pé diante da janela, sem camisa, o que Chloe imaginava que fazia dela uma pervertida, e não só bisbilhoteira. Mas não se tratava de algo sexual. Ela mal o achava atraente. Chloe não o via como um objeto nem nada do tipo. À distância, no escuro, com aquela língua afiada dele bem guardada, ela o via como poesia. Ele

tinha algo de visceral, mesmo quando olhava feio para ela, mas principalmente quando pintava. Havia uma sinceridade, uma vulnerabilidade nele, que a cativava.

Chloe sabia que era uma pessoa de carne e osso, como Redford. Mas não estava viva como ele. Nem de perto.

Ele estava de perfil, focado na tela a sua frente. Às vezes, pintava de forma hesitante, quase cautelosa; outras vezes, mais encarava a tela que a tocava. Mas, aquela noite, Redford era como uma tempestade, golpeando e pintando com movimentos rápidos e fluidos. Chloe não conseguia ver no que ele estava trabalhando, tampouco queria. O que importava era o sutil sobe e desce de suas costelas conforme a respiração acelerava, os movimentos rápidos e minuciosos de sua cabeça, fascinantes, como os de um pássaro. O que importava era *ele*.

Seu cabelo comprido caía sobre o rosto, uma cortina de caramelo e cobre com mechas da mesma cor da luz da lareira. Ela sabia que aquele cabelo escondia sobancelhas grossas e provavelmente franzidas em concentração; um nariz desarmônico e saliente; uma boca fina que vivia à beira de um sorriso, cercada por uma barba por fazer, mais clara. Chloe gostava de ver a ardente concentração em seu rosto enquanto Redford pintava, mas sabia que era melhor quando o cabelo desarrumado dele cobria tudo. Se ela não conseguia vê-lo, então ele não conseguiria vê-la. De qualquer modo, não precisava ver o rosto dele para se afogar em sua vitalidade. As mechas cor de cobre espalhadas sobre os ombros largos e a tinta das tatuagens sobre sua pele clara já eram o bastante.

Se alguém lhe perguntasse como eram as tatuagens de Redford, Chloe não seria capaz de descrever as imagens ou as palavras

escritas. Ela falaria do preto denso, dos toques de cor. daquelas mais desbotadas, que pareciam ligeiramente em relevo, e daquelas que o inundavam como tinta derramada na água. Falaria sobre como era estranho escolher sangrar por algo, por vontade própria. Sobre como a fazia se sentir e como queria desejar alguma coisa tão intensamente e por tempo bastante para construir o equivalente dela das inúmeras tatuagens dele.

Mas ninguém nunca lhe perguntaria, porque ela nem deveria saber daquilo.

Quando deparara com aquela visão pela primeira vez, Chloe se virara na hora e fechara os olhos, enquanto seu coração tentava pular para fora de sua gaiola. Fechara a cortina. Com tudo. Mas a imagem ficara com ela, e a curiosidade havia crescido. Chloe passara dias pensando a respeito. *Ele estava pelado? Na frente da janela? E o que era aquilo que segurava? O que ele estava fazendo?*

Ela aguentara três semanas antes de voltar a olhar.

Da segunda vez, estava hesitante e chocada com a própria audácia, considerando como se esgueirara até a janela no escuro e se escondera atrás das cortinas quase fechadas. Observara por tempo suficiente para obter respostas para suas próprias perguntas: ele estava de jeans e nada mais; segurava um pincel; pintava, claro. Então Chloe continuara olhando, hipnotizada pela visão. Mais tarde, riscara *Fazer algo de errado* de sua lista e tentara se sentir bem a respeito, e não culpada. Não funcionou.

Mas e aquela vez? A terceira vez? *A última vez*, Chloe disse a si mesma, com firmeza. Qual era sua desculpa então?

Ela não tinha nenhuma. Claramente, devia ser censurada.



Redford parou, se endireitou, deu um passo atrás. Chloe ficou olhando enquanto ele deixava o pincel de lado e alongava os dedos de um jeito que indicava que vinha trabalhando fazia horas. Ela tinha inveja de como ele era exigente consigo mesmo, do tempo que conseguia se manter no mesmo lugar sem que seu corpo reclamasse ou sofresse. Ou o punisse. Chloe abriu um pouco mais a cortina, suas mãos invejosas se movendo sozinhas, lançando mais luz sobre sua culpa ensombrecida.

Red se virou de repente. E olhou pela janela.

Bem na direção dela.

Mas Chloe já não estava ali. Tinha voltado a fechar a cortina, se virado e prensado o corpo contra a parede da sala. Seu coração batia tão forte e tão acelerado que quase doía. Sua respiração saía entrecortada, como se ela tivesse acabado de correr um quilômetro e meio.

Ele não a tinha visto. Não tinha. *Não tinha.*

No entanto, não podia deixar de se perguntar: o que ele faria, se a tivesse visto?